



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: TRABALHAR NA PRÁTICA ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Maria Rivânia Tenório de Holanda Souza/ULHT-PT - rivaniaholanda@hotmail.com
Edilaine Bezerra de Oliveira/ULHT-PT - edi.jaine.28@hotmail.com
Margareth Rodrigues de Souza/ULHT-PT - margarethth@ig.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, Letramento, Prática Docente.

1 - Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar como os docentes trabalham na prática a alfabetização na perspectiva do letramento no âmbito da sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental.

Há muitos anos que a alfabetização tem sido bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem e que a alfabetização tem se consolidado entre nós como um problema social, um obstáculo de difícil superação. Em um mundo com grande diversidade cultural é muito importante que os sujeitos estejam imersos nos processos de alfabetização e letramento. As práticas de sala de aula devem estar orientadas de modo que se promova a alfabetização e o letramento tendo como objetivo principal na visão de Soares (2001) que se proporcione a construção de habilidades para o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita. Uma vez que, a alfabetização e o letramento passam a ser entendidos como instrumentos eficazes para a aprendizagem, para o acesso e para a elaboração da informação, para a criação de novos conhecimentos e para a participação na própria cultura e na cultura mundial nascente.

O surgimento do termo “letramento” representa uma mudança histórica nas práticas sócias. Acontece dentro de uma realidade social, num contexto de mudança de paradigmas educacionais e, portanto, se faz como um fenômeno sócio-histórico, em que se exige dos indivíduos uma superação dos limites decodificadores de signos, indo além das ações estritamente técnicas e fragmentadas para uma dinâmica que envolve o pensar, interpretar e associar as informações com as realidades. Como Soares (2006, p. 45) aponta:

[...] à medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, **concomitantemente**, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e escrever.

Soares (2006) afirma que, para entrar e viver no mundo do conhecimento, o aprendiz necessita de dois passaportes: o domínio da tecnologia de escrita (o sistema alfabético e ortográfico), que se obtém por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento.

Segundo os estudos de Ferreiro (2000) é importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que a mesma possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem. O objetivo da educação deve se integrar o conhecimento espontâneo da criança ao ensino, dando-lhe maior significado. Desta maneira, conhecendo o processo pelo qual as crianças constroem seu próprio sistema de leitura e escrita é possível nortear o ensino da linguagem escrita.

Cagliari (2009) afirma que a alfabetização é aprendizagem da escrita e da leitura e que ler e escrever são atos linguísticos, e que só recentemente tem havido uma preocupação significativa linguística em projetos educacionais.

Será considerado um sujeito letrado, aquele capaz de relacionar o que lê com a realidade de mundo, fazendo associações e comparações, até conseguir chegar a suas conclusões. Entende-se que o processo de letramento não acontece apenas na escola, mas em outros cenários como em um grupo de amigos conversando sobre determinados fatos, expondo suas idéias e pensamentos. Para Olson (1997 p.11):

A nossa compreensão do mundo, isto é, nossa ciência e nossa compreensão de nós mesmos, ou seja, nossa psicologia – são subprodutos da maneira como interpretamos e criamos textos escritos, isto é, da maneira como vivemos no mundo que está no papel.

Kleiman (1995) e Soares (2006) utilizam o termo “letramento”, no sentido de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” dos estudos sobre a alfabetização, como aquisição da linguagem escrita. Justificam o uso do termo letramento no lugar de alfabetização, pelo fato de que em inúmeros contextos culturais os indivíduos já estão expostos a um ambiente letrado muito antes de se alfabetizarem, e participam dos eventos de letramento mesmo que a alfabetização jamais ocorra.

As práticas em sala de aula devem estar orientadas de modo que se promova a alfabetização na perspectiva do letramento e, tomando as palavras de Soares (2001), que se proporcione da tecnologia da escrita. Esse exercício

(...) implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar ou informa-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimento, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar – se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos gêneros de textos ou lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesses e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (...). (Soares, 2001, p. 92)

Na visão de Ferreiro (2011), nenhuma prática pedagógica é neutra, todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem são provavelmente essas práticas (mais do que método em si) que tem efeitos mais duráveis a longo prazo, no domínio da língua escrita como todos os outros

Segundo Freire (1999), questionamentos como esses possibilitam a ampliação de nossa compreensão do mundo das relações políticas, econômicas e sociais, para as quais nos chamava a atenção. Alfabetizar letrando é um aspecto é, portanto, uma opção política. Acreditar que é possível alfabetizar na perspectiva de letramento é um aspecto a ser refletido, pois não basta entender a alfabetização como aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a ler e a escrever, possibilita não só o simples domínio de uma tecnologia, mas cria condições para inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sócias e políticas. Sabendo da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o docente é desafiado a assumir uma postura política que envolve o conhecimento e domínio de que vai ensinar.

Soares (2006) afirma que principalmente por sabermos da importância da alfabetização precisamos pensar em sua qualidade, pois vários problemas são enfrentados no processo de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita, [...] a natureza de paradigmas curriculares e metodológicos; a interferência de fatores intra e extra-escolares na aquisição da língua escrita; a adequação ou inadequação do equipamento escolar e do material didático de alfabetização; a competência ou incompetência do professor alfabetizador, a definição do tempo de

aprendizagem necessário para o domínio da leitura e da escrita, quer em termos de duração em anos do processo de alfabetização, quer em termos de horas-aula por dia etc.

Nessa perspectiva, o problema da qualidade da alfabetização é enfrentado através de propostas de intervenção que visem atuar sobre esses fatores, tais como mudanças curriculares; substituição de métodos de alfabetização em uso por outras alternativas metodológicas; atribuição, ao sistema escolar, de serviços que enfrentam os fatores extra-escolares – alimentação, atendimento à saúde, à higiene etc.; distribuição de material didático às escolas; programas de formação e aperfeiçoamento de alfabetizadores etc. (Soares, 2006, p. 48)

É necessário que a escola reveja os conceitos que são estabelecidos sobre o que é ser alfabetizado e não ser alfabetizado, pois para a mesma o indivíduo alfabetizado é aquele que consegue ler e escrever, seguindo os códigos linguísticos, pois consegue seguir o processo de aquisição dos mesmos, e o não alfabetizado é aquele que não codifica signos linguísticos. Todavia, muitos que são considerados alfabetizados, não são letrados, pois às vezes não compreende o que lê ou o que escreve.

A alfabetização é um processo muito importante como base do ensino e que possíveis mudanças estejam atreladas às concepções que os próprios docentes fazem de si mesmos e da educação.

2 - Procedimento Metodológico

Foi feito um levantamento bibliográfico, a partir de leituras de diversos livros e autores que referendam os conceitos sobre Alfabetização e Letramento.

3 - Considerações Finais

Sem desconsiderar a complexidade do desafio de alfabetizar e reconhecendo que o letramento é parte indispensável para a formação de cidadãos. Constata-se que, para concretizar a mudança desejada no processo de ensino-aprendizagem, os profissionais da educação precisam reconhecer os valores e objetivos das gerações de professores alfabetizadores anteriores, para que, pela compreensão do passado, possam investir em ações que provoquem as mudanças necessárias ao alcance da cultura letrada que há muitas décadas desejamos. Afinal, já temos conhecimento acadêmico-científico suficiente para reconhecermos que a aprendizagem das letras e símbolos, assim como a organização dos conhecimentos em

informações relevantes, ou seja, a alfabetização e o letramento são multifacetados, interligados e singulares.

Os pontos discutidos mostram claramente que enquanto os professores não estarem adaptados por metodologias de ensino - aprendizagem da leitura e da escrita face às particularidades socioculturais nenhum processo de ensino e aprendizagem poderá demonstrar marcas de sucesso na aprendizagem onde os alunos não possam apresentar significativas dificuldades em particular no ensino e aprendizagem da leitura e da escrita a ser abordado. Isso não quer dizer que devemos utilizar apenas texto do cotidiano do aluno, mas que partam da sua realidade.

4 - Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção pensamentos e ação em sala de aula).

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. – 26. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (coleção questões de nossa época; v. 6).

FERREIRO, Emilia; trad. Ernani Rosa. Relações de (in) dependência entre oralidade e escrita. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Coleção Leitura).

KLEIMAN, Angela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

OLSON, David R. O Mundo no Papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo, Ática, 1997.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. Ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Letramento: um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.